

AValiação NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA QUESTÃO DE COMPROMETIMENTO E CO-RESPONSABILIZAÇÃO.

Helena Regina Anciutti Leandro¹
Jaqueline Pinto Martins
Liliane Pavanelli

A avaliação de alunos com problemas de aprendizagem e/ou comportamento nas escolas não é uma novidade para os profissionais da área de psicologia, em especial de psicologia escolar. Essa prática, no entanto, foi tomando configurações diferentes ao longo da história da psicologia escolar, e atualmente discute-se a avaliação participativa, ou seja, essa tarefa deixa de ser exclusiva do pedagogo (supervisor/orientador) e do psicólogo passando a abranger os pais, alunos e especialmente os professores. Acredita-se que ao “ouvir” os principais envolvidos no processo ensino aprendizagem, e porque não dizer os envolvidos no processo de dificuldade de aprendizagem estar-se-á envolvendo-os não só naquilo que chamamos aqui de avaliação, mas, sobretudo no processo de intervenção para superação dessas dificuldades. A avaliação escolar por muito tempo foi considerada erroneamente a etapa final de uma intervenção psicológica, o que propomos nesse trabalho é que esta seja ao mesmo tempo uma coleta de dados para que possamos ajudar o aluno/professor e um processo de intervenção que se construirá na medida em que estes dados coletados vão sendo avaliados e reavaliados. Desta forma, entende-se que não seria necessário esperar que o processo de avaliação terminasse para que um processo de “ajuda” e de elaboração de procedimentos e estratégias comesçassem a ser introduzidos visando à minimização dos problemas apresentados na queixa escolar. Propõe-se que o professor responsabilize-se com o processo desde seu início, fornecendo informações a cerca do aluno e de suas facilidades/dificuldades através do preenchimento de uma ficha de encaminhamento, que possibilita que esse profissional esteja refletindo a cerca das características do aluno, evitando contatos de corredor e fornecimento de informações pautadas na observação das dificuldades em detrimento as potencialidades desse aluno. Entende-se, da mesma forma, que o aluno deverá ser ouvido, pois se acredita que ele poderá fornecer dados a cerca de como aprende e de quais dificuldades apresenta, mas sobretudo por acreditar que através desse contato possamos estabelecer uma relação positiva que envolverá o aluno na busca de soluções para a dificuldade escolar. Após esses contatos iniciais os pais são convocados à escola, não com a intenção tradicionalmente conhecida de informá-lo sobre a dificuldade de seu filho, mas com o propósito de também envolvê-lo e questioná-lo a respeito do processo de “ajuda” ou de intervenção. A proposta não envolve inicialmente o uso de testes formais, mas sim a utilização de entrevistas, observações, análise do material do aluno, planejamento de estratégias de intervenção e novos ciclos de entrevistas de acompanhamento e avaliação das intervenções, observações e reformulações de estratégias. Pretende-se com isso que a avaliação seja pautada em nossa intervenção e não propriamente nas dificuldades do aluno, não acreditamos que a resposta as dificuldades estejam nelas mesmas, mas sim naquilo que podemos fazer para minimizá-las.

¹ Apresentadora. UNIPAR. Cascavel / PR. hregina@pop.com.br.